

# DEMOCRACIA E SOCIALISMO: UMA LEITURA DO PENSAMENTO SOCIAL E POLÍTICO DE JOHN STUART MILL

**Maria Cristina Leite GOMES**

Mestranda em Filosofia – Ética  
PUC-CAMPINAS - BOLSISTA CAPES

## ABSTRACT

O pensador inglês John Stuart Mill viveu a Inglaterra do século XIX e a efervescência dos movimentos sociais em toda a Europa. Como profundo conhecedor do seu tempo e dos anseios do povo, Mill construiu ao longo da sua obra um projeto no qual procurava atacar os principais problemas da sociedade, propondo uma renovação social. Mas sua atuação não se limitou ao campo teórico. Como Membro do Parlamento, cargo que exerceu de 1865 a 1868, Mill defendeu entre outras propostas, o direito de voto das mulheres e a extensão do direito de voto aos trabalhadores, tendo também participado da Liga das Reformas e da primeira sociedade pelo sufrágio feminino.

Neste trabalho procuramos trazer uma leitura destas preocupações de Mill, encontradas, entre outras, em suas obras: *Princípios de Economia Política*, *Sobre a Liberdade*, *Idéias sobre a Reforma parlamentar*, *Considerações sobre o Governo Representativo*, *A submissão das mulheres* e na obra

editada postumamente *Sobre o Socialismo*. Nelas Mill nos apresenta seus projetos e idéias acerca da Democracia, do Socialismo, das classes trabalhadoras, do papel das mulheres na vida social e política, além de outros importantes temas, buscando soluções para os graves problemas sociais de seu tempo e que ainda hoje merecem a atenção de todos os que se debruçam sobre a filosofia social e política.

## INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é apresentar alguns dados para a análise do utilitarismo clássico, especificamente o de Mill, por entendermos que este não só respeita os direitos humanos, como lhe proporciona uma base legitimadora possível, além de ser suficientemente atraente para servir, devidamente reformulado, como uma ética que vise o futuro.

Apoiando-me nas palavras de Esperanza Guisán, além destes, como se fosse pouco no terreno da práxis social e política nestes tempos de aparente “*crise das ideologias*”, a “*filosofia moral e política de Mill parece oferecer, devidamente equilibradas e conectadas, as melhores conclusões da tradição socialista e da tradição liberal*”.

Utilizei como base para as reflexões aqui apresentadas, as discussões editadas por John SKORUPSKI em *The Cambridge Companion to Mill*, de 1998, e os vários artigos e livros que Esperanza GUISÁN vem produzindo sobre este tema. Estas leituras fizeram com que eu percebesse que não era infundada a crença que eu tinha desde que me debrucei sobre a obra de Mill, num socialismo milleano, mesmo que matizado, presente principalmente no Livro IV de *Princípios de Economia Política*, nas abordagens contra qualquer forma de sujeição que aparece em *Considerações sobre o Governo Representativo*, *Sobre a Liberdade* e *A submissão das Mulheres*, na análise que faz sobre a

trajetória do seu pensamento na *Autobiografia*, e no seu texto publicado postumamente e praticamente desconhecido no Brasil *Sobre o Socialismo*.

Pretendo aqui levar à discussão o pensamento deste autor. Como diz Guisán, “*em mais de um sentido estamos todos esperando por Mill. E Mill por sua vez espera ser lido e compreendido como merece.*”

## I - A DEMOCRACIA

Durante um comício na sua campanha para se eleger membro do Parlamento, perguntaram para Mill se ele reconhecia a frase: “*as classes mais baixas têm vergonha de mentir, ao contrário dos mentirosos mais habituais*”, ele respondeu “*eu escrevi*” esta frase. A platéia constituída em grande parte das classes trabalhadoras, aplaudiu ruidosamente. Com isso pretendo mostrar apenas uma breve característica de Mill para com as classes trabalhadoras. Para ele, os trabalhadores tinham capacidade e vontade de melhorar, independente das suas qualidades morais e intelectuais. Para tanto ele os quis prover com as oportunidades que permitissem tal melhora e isto não significa impor lhes sua própria concepção de interesses, mas aumentar as oportunidades para que pudessem expressar seus interesses. Isto seria feito sujeitando-os não ao controle, mas a várias influências de pessoas capazes para melhorar seu cultivo mental e assim alargar seus interesses.<sup>1</sup>

Apesar de suas esperanças em relação ao bem-estar futuro dos trabalhadores, Mill temia que, em seu presente estado de ignorância, eles viessem a dominar a vida social e política, e considerando que o destino da liberdade e do desenvolvimento individual eram suas preocupações principais, Mill buscou empreender uma reforma social e política que garantisse uma maior diversidade de visões.

<sup>(1)</sup> Cf, TEN, C.L. *Democracy, socialism, and the working class*. In: SKORUPSKI, John. *The Cambridge Companion to Mill*. Cambridge University Press, 1998.

Em 1865 Mill foi eleito membro Liberal do Parlamento por Westminster e serviu por um mandato até 1868. A maior parte de seu trabalho esteve voltada à tentativa de ampliar o direito de voto. Considerou encorajadora sua tentativa fracassada de dar às mulheres o direito de voto como *“talvez o único serviço realmente importante que eu executei na qualidade de membro do Parlamento”*<sup>2</sup>.

O movimento em favor do voto das mulheres ganhou mais votos do que o esperado, e isto tornou Mill justificadamente orgulhoso do novo impulso que este movimento tomou na luta para estender o direito de voto para as mulheres.

Outro projeto fracassado que contou com o apoio de Mill foi o de reforma de Gladstone de 1866, o qual, se houvesse passado, ampliaria o direito de voto das classes trabalhadoras até constituírem cerca de um quarto do eleitorado total da Inglaterra e Gales. A derrota desde projeto provocou a renúncia do governo de Lord John Russell e Gladstone, sendo substituído por Lord Derby e Disraeli. Este episódio provocou dois incidentes públicos de confronto com o governo e com a polícia, nos quais o papel de Mill foi crucial na defesa dos interesses e da segurança dos trabalhadores. Em seu relatório sobre estes eventos Mill mostra como apoiou consistentemente as aspirações da classe trabalhadora. Ele sempre acreditou ter uma concordância quase sem igual com a classe trabalhadora e que naquela ocasião ele era o único que poderia evitar o desastre de um confronto entre os membros da liga da reforma e as tropas. *“Nenhuma outra pessoa, eu acredito, tinha naquele momento a influência necessária para conter as classes trabalhadoras, exceto o Sr. Gladstone e o Sr. Bright, nenhum dos quais estava disponível”*.<sup>3</sup>

Para Mill seria em benefício dos próprios trabalhadores e da nação como um todo que a classe trabalhadora fosse trazida para o fluxo central da política e tivesse voz significativa no Parlamento. Mas

<sup>(2)</sup> MILL, CW I:285. As citações de Collected Works (CW) são feitas a partir de TEN, C.L., op. cit. p. 373.

<sup>(3)</sup> CW I:279. (TEN, p. 374).

ele não queria que eles ou qualquer outro grupo único dominasse a vida social e política.

O pensamento democrático de Mill, apesar de haver mudado em relação a dispositivos específicos, como voto secreto, por exemplo, mantinha-se numa consistência total em relação aos seus princípios fundamentais de bom governo. Apesar de algumas controvérsias, pensadores como John M. Robson acreditam que Mill era um democrata consistente. Diz Robson: “*Assim quando se lança a questão, por quem o governo deveria ser escolhido? Não há nenhuma dúvida sobre a resposta de Mill. Ele é um democrata. Desde a época de sua primeira simpatia com o populum romano até os seus últimos escritos o tema de controle popular transpassa os seus pensamentos*”<sup>4</sup>. É claro que para considerarmos Mill um democrata precisamos analisar qual o sentido que damos para este termo. Se por democrata entendemos alguém que acredita que o voto de cada pessoa deve ter exatamente o mesmo valor que o voto de todas as outras pessoas, Mill não é, certamente, um democrata. Para ele “*Alguns são sábios, e alguns são o contrário*”<sup>5</sup>, e ele pretendia dar maior peso às visões dos sábios. Neste sentido são notáveis as declarações que Mill faz a favor da excelência humana, em todas as suas obras. Mas aqui é interessante notar como ele combinou suas diferentes preocupações e perspectivas em uma demonstração coerente dos princípios fundamentais do bom governo.

Mill acredita ser necessário que certas condições estejam satisfeitas para que uma forma de governo se realize. Deve haver uma vontade por parte das pessoas para fazer o que for necessário para preservar a forma de governo, tal como defendê-lo se estiver sob ataque. E elas devem estar dispostas e serem capazes de executar os deveres que lhes são requeridos sob a forma de governo. Dentro dos limites fixados por estas condições, a forma apropriada de governo em uma sociedade particular é uma questão de escolha.

<sup>(4)</sup> ROBSON, John M. *The Improvement of Mankind: The Social and Political Thought of John Stuart Mill*. Toronto: University of Toronto Press. London: Routledge and Kegan Paul, 1968, p. 224. apud TEN, C. L. op. cit.

<sup>(5)</sup> CW XXIII: 479 (TEN, p. 374)

O princípio ou critério mais importante que deveria determinar a escolha, segundo Mill, é que a forma de governo deve promover as capacidades das pessoas, a sua “*virtude e inteligência*”. Isto é, as instituições políticas de uma sociedade têm em Mill o papel de “*uma agência de educação nacional*”. Se as pessoas ainda não estiverem prontas para se governar e exigirem um déspota para os governar, então a função do déspota é prepará-los para o próximo estágio de progresso social. Um despotismo auto-perpetuado nunca é justificado. Uma forma de governo deve estar engrenada com as capacidades das pessoas, mas tem que prepará-las para ir além, através do desenvolvimento de suas capacidades. As instituições políticas deveriam também colocar as capacidades das pessoas a serviço da condução dos negócios públicos.

Aplicando este critério para o bom governo, Mill conclui que a democracia é idealmente a melhor forma de governo. Com isso ele quer dizer que se as condições sociais que tornam isto possível estão presentes, então uma forma democrática de governo satisfará o critério de um bom governo em um grau maior do que todas as alternativas. Para Mill, deixar uma pessoa não ter nada o que fazer por sua pátria, é torná-la indiferente a ela. Foi dito há muito tempo, que em um despotismo há no máximo um patriota, o déspota; e esta declaração repousa em uma avaliação justa dos efeitos da sujeição absoluta, até mesmo para um mestre bom e sábio.<sup>6</sup>

Mill acredita na superioridade do caráter ativo e a democracia promove mais este caráter. “*O máximo de efeito revigorante da liberdade no caráter é apenas obtido quando a pessoa agiu por ser ou estar querendo se tornar um cidadão tão completamente privilegiado quanto qualquer outro*”, diz ele.<sup>7</sup>

A participação nos negócios públicos faz com que as pessoas desenvolvam interesses diferentes dos seus próprios interesses, e aumentem, assim, suas perspectivas. A parte moral da instrução

<sup>6</sup> CW XIX: 400-01 (TEN, p. 376)

<sup>7</sup> CW XIX: 411 (TEN, p. 376)

oferecida pela participação do cidadão em funções públicas é ainda mais importante. Ele é chamado a pesar interesses que não são os seus; para ser guiado, no caso de reivindicações contraditórias, por uma regra diferente que as suas parcialidades privadas; para aplicar, em cada turno, princípios e máximas que têm por sua razão de existência o bem comum; e ele normalmente se encontra trabalhando com pessoas mais familiarizadas com estas idéias e operações, assim, este estudo proverá razões para a sua compreensão e estimulará seus sentimentos para com o interesse geral. Para se sentir parte do público, o que quer que seja para o benefício público será para o seu próprio benefício.<sup>8</sup>

Quanto maior for esta participação mais ganha a comunidade, porém quando esta atinge um tamanho que não permite mais que todos participem diretamente do governo é necessário o estabelecimento do Governo representativo. A soberania suprema será exercida por todos os cidadãos, cada um dos quais irá também ocasionalmente ter a oportunidade de participar pessoalmente nos negócios públicos seja em nível local ou nacional.

Apesar da opinião elevada que Mill tem das outras classes em relação à classe dos trabalhadores, ele acredita que estes são melhores na defesa de seus interesses, e por isto é importante a defesa dos seus direitos políticos. A participação política das classes trabalhadoras não só assegura a sua auto-proteção mas também as faz auto-dependentes e maximiza a prosperidade geral da comunidade. Por outro lado, sua exclusão do processo político não implicará necessariamente que seus interesses e direitos sejam ignorados deliberadamente, mas que sejam simplesmente negligenciados até mesmo por membros sinceros e bem-intencionados das outras classes.

*Diz Mill sobre o governo: "O sistema representativo deve ser assim constituído para manter este estado de coisas: não deve permitir que nenhum dos vários interesses seccionais*

<sup>(8)</sup> CW XIX: 412 (TEN, p. 376)

*seja tão poderosa ponto de ser capaz de prevalecer contra a verdade, a justiça e os outros interesses seccionais combinados. Deve sempre haver um tal equilíbrio preservado entre os interesses pessoais de forma a deixar qualquer um deles dependente para seu sucesso, de levar consigo pelo menos uma grande parcela daqueles que agem por motivos mais altos, e visões mais compreensivas e distantes."*<sup>9</sup>

A concepção de democracia de Mill é de que o governo é no final das contas responsabilidade das pessoas, e no qual cada grupo é capaz de proteger seus interesses. Mas para ele democracia é também um sistema de governo no qual nenhum grupo isoladamente tem poder absoluto sobre os demais. A participação política não é vista apenas como um meio de proteger os interesses legítimos das pessoas, mas também como um processo educativo no qual se aumentam seus sentimentos e interesses. As funções de legislação e administração devem estar nas mãos de peritos, enquanto a função principal do Parlamento é ser um lugar para a discussão de idéias. Sua maior esperança era que, apoiada por vários dispositivos, as discordâncias estivessem baseadas em opiniões diferentes, e não em interesses seccionais diferentes.

## II - A SUBMISSÃO

Estes princípios não guiaram as propostas de Mill apenas sobre democracia mas também em relação a organização econômica. Para Mill, as classes privilegiadas e poderosas sempre usaram o seu poder para defender seus próprios interesses, fazendo com que as pessoas precisassem ser protegidas daqueles que seriam denominados seus protetores. Relatórios policiais mostram que maridos que supostamente deveriam proteger as suas esposas, e pais às suas crianças, são acusados de brutalidade e tirania.

<sup>9</sup> CW XIX: 447 (TEN, p. 379)

As classe trabalhadoras, então, não poderão aceitar um estado de dependência dos seus empregadores quando se percebe interesses opostos aos seus próprios. Para Mill um importante efeito da melhoria na educação e inteligência dos trabalhadores seria a redução da superpopulação. As mulheres alcançariam, assim, um grau de independência social e poderiam passar a ter uma ocupação industrial.

Os trabalhadores não estão preparados para tratar a relação de empregador-empregado como permanente; por ser uma relação de dependência, os trabalhadores e os capitalistas não farão justiça uns aos outros em uma tal relação. Mill sugere uma sociedade de cooperação entre os trabalhadores e os capitalistas na qual cada um dos sócios tem uma parte dos lucros totais. Ele acredita que uma tal sociedade é economicamente eficiente e moralmente benéfica para todos os envolvidos. Cada um dará o seu melhor para fazer da sociedade um sucesso.

Mas Mill considera a cooperação entre capitalistas e trabalhadores apenas um passo necessário para a desejável efetivação de uma associação entre os próprios trabalhadores, que possuirão coletivamente o capital e trabalharão sob uma administração que eles mesmos escolheram.

Nestas associações de trabalhadores eles não precisarão pagar para os capitalistas um “imposto” pelo uso do capital, fazendo com que eles acumulem assim o seu capital. Mill se utiliza para apoiar sua teoria de exemplos de associações de trabalhadores em Paris, construídas em bases humildes, com poupanças escassas, que exigiram disciplina mas atingiram excelentes resultados. Diz ele:

*“As mesmas qualidades admiráveis fizeram com que essas associações conseguissem vencer as primeiras lutas, levaram-nas à sua prosperidade crescente. As suas normas disciplinares, em vez de serem mais brandas, são mais rigorosas do que as das oficinas comuns; todavia, por serem normas impostas pelas próprias pessoas que as cumprirão, e por visarem manifestamente ao bem da comunidade, e não a conveniência de um empregador que se considera ter*

*um interesse oposto, são observadas com muito mais fidelidade, e a obediência voluntária traz consigo um sentimento de valor e dignidade pessoal.*"<sup>10</sup>

Mill presta atenção às operações detalhadas destas associações e nota com satisfação que eles abandonaram a idéia de que todos deveriam receber salários iguais, independente do tipo de trabalho feito. *"Quase todas abandonaram esse sistema, e depois de fixarem, para cada um, determinado mínimo, suficiente para a subsistência, distribuem toda a remuneração que sobra, com base no serviço feito: a maior parte delas está até dividindo os lucros no fim do ano, na mesma proporção que os ganhos"*<sup>11</sup>. Os novos associados não precisam entrar com capital para as associações. Eles entram como sócios mas recebem durante alguns anos uma parte menor dos lucros. Os sócios são livres para deixar as associações embora eles não possam retirar nada do capital. O capital nunca será dividido.

Mill também tece comentários sobre as prósperas experiências das associações de trabalhadores na Inglaterra. A sua razão para entrar em tais detalhes é aparentemente mostrar que a idéia das cooperativas de trabalhadores é completamente possível. Diz ele:

*"Difícilmente é possível deixar de encarar com esperança as perspectivas da humanidade, quando, em dois países líderes do mundo, as camadas anônimas da sociedade contêm trabalhadores simples que, pela sua integridade, bom senso, auto-controle e confiança nos outros, foram capazes de coroar essas nobres experiências com o sucesso atestado pelos fatos registrados nas páginas que precedem"*<sup>12</sup>.

Para Mill uma das fontes de eficiência desta associação cooperativa de trabalhadores é a limitação no número de distribuidores permitindo que um número maior de pessoas se ocupem das atividades produtivas. A outra fonte de eficiência é o incentivo dado aos trabalha-

<sup>(10)</sup> MILL, *Princípios de Economia Política*. Livro IV, cap. 7, p. 270.

<sup>(11)</sup> Idem, *ibidem*,

<sup>(12)</sup> Idem, p. 276.

dores para que façam o seu melhor para aumentar a produtividade. Segundo ele:

*“Difícilmente se pode exagerar esse benefício substancial, que no entanto não é nada em comparação com a revolução moral da sociedade que o acompanharia: a cura deste mal que é a hostilidade constante entre o capital e o trabalho, a transformação de vida humana, de um conflito de classes que se batem por interesses opostos, em uma rivalidade amigável na busca de um bem comum a todos, a elevação da dignidade do trabalho, um novo sentimento de segurança e de independência na classe trabalhadora, e a conversão da ocupação diária de cada ser humano em uma escola em que se aprende a solidariedade social e a inteligência prática.”<sup>13</sup>*

### III - O SOCIALISMO

A preocupação de Mill com o bem-estar das classes trabalhadoras o conduziu a considerar mudanças fundamentais para a organização social e assim desafiar o sistema estabelecido de propriedade privada. A admissão da aquisição de “direitos” puramente políticos pelas classes trabalhadoras não faz com que se removam todas as injustiças sociais das quais eles sofrem.

Em sua *Autobiografia*, Mill descreve uma das mudanças mais importantes em relação às suas crenças que foi a aceitação de um “Socialismo qualificado”<sup>14</sup>. Ele descreve alguns dos detalhes das mudanças, que envolveram uma vontade em considerar alterações fundamentais nas instituições sociais inclusive mudanças na instituição da propriedade privada que ele considerara sacrossanta<sup>15</sup>. Ele havia pensado ser possível incrementar melhorias na população mais pobre através de uma restrição voluntária do aumento de sua população

<sup>(13)</sup> Idem, p. 276 – 277.

<sup>(14)</sup> CW I: 199. (TEN, p. 389)

<sup>(15)</sup> CW I: 239. (TEN, p. 389)

provocada por uma educação universal. Mas agora reconhece a possibilidade de uma divisão mais eqüitativa de bens e uma transformação social importante no caráter de ambos: as classes trabalhadoras e seus empregadores unidos pelo interesse no bem comum, e não mais motivados pelo egoísmo.

A maior solidariedade de Mill com o Socialismo reside na sua análise dos males existentes na sociedade. Há uma intensidade apaixonada no modo como ele descreve estes males tanto na sua *Autobiografia* quanto em *Sobre o Socialismo*. Há um contraste muito grande entre alguns que são ricos e muitos que são pobres. “A grande maioria das pessoas ainda é forçada pela pobreza a ficar presa a um lugar, a uma ocupação, em conformidade com os interesses de um empregador”<sup>16</sup>. Uma proporção muito grande das “classes trabalhadoras” é dependente da caridade. “Alguns nascem sem trabalho, outros nascem em uma posição na qual eles podem até ficar ricos através do trabalho, mas a grande maioria nasce para trabalhar duramente e se manter na pobreza ao longo de vida, aumentando os números da indigência”.<sup>17</sup>

Para Mill, em concordância com a análise socialista, a origem do mal da má-conduta social, incluindo o crime, está na pobreza, na ociosidade, na má educação ou na sua falta, que são o resultado de arranjos sociais defeituosos. Mas ele rejeita o argumento socialista contrário à livre concorrência. Para os Socialistas a livre concorrência é moralmente ruim porque coloca as pessoas umas contra as outras tendo em vista apenas os seus ganhos. Isto também é economicamente prejudicial porque provoca a queda dos salários e a bancarrota dos produtores. Para Mill, porém, a mesma competição que pode abaixar os salários, pode elevá-los.

Se a livre concorrência entre os produtores produz uma diminuição no preço dos produtos, só raramente conduz a um monopólio, embora para alguns produtores com maior capital, investir em

<sup>(16)</sup> CW V: 710. (TEN, p. 389)

<sup>(17)</sup> CW V: 714. (TEN, p. 389)

maquinaria melhor permitirá que tenham mais vantagens sobre os produtores menores. Mill reconhece que o alto estímulo à competitividade moderna pode levar à adoção de práticas fraudulentas para aumentar os lucros. Mas a cura para este mal não depende da adoção do socialismo.

Mill também discorda dos socialistas em relação à desproporcionalidade dos lucros de capital em comparação com os salários dos trabalhadores. Para ele os capitalistas têm direito ao retorno do investimento referente aos riscos de produção, e mais, os trabalhadores ganhariam menos se alguns dos lucros fossem divididos entre eles, do que se fossem usados para o desenvolvimento de maquinário e com a redução de custos com os distribuidores. Mill também discorda das argumentações dos socialistas, de que os males provocados pelos arranjos sociais estão aumentando; ao contrário, para ele as condições das classes trabalhadoras estão melhorando gradualmente. Talvez ingenuamente, o otimismo progressista de Mill o faz constatar que isto não só deve acontecer mas que efetivamente vai acontecer. Diz ele:

*“conforme a civilização avança, este modo de concebermos a nós mesmos e a vida humana é considerado cada vez mais natural. Todos os casos levados a termo pelo progresso político o tornam possível, eliminando as causas de interesses contrapostos e nivelando aquelas desigualdades nos privilégios que a lei ampara entre indivíduos e classes, por causa dos quais existem grandes setores da humanidade cuja felicidade se esqueceu na prática.”<sup>18</sup>*

Por outro lado, Mill está em completo acordo com os socialistas sobre os males do atual sistema de propriedade privada, apesar de não concordar com todas as suas propostas. Ele faz uma distinção entre os socialistas revolucionários e o socialismo de pessoas como Owen e Fourier. Não se ocupa muito com os primeiros, para ele uma versão centralizada do socialismo, no qual as classes trabalhado-

<sup>(18)</sup> MILL, *Utilitarismo*. p. 85

res ou os seus agentes assumem e administram toda a propriedade do país.

Mill leva muito mais a sério o socialismo de Owen e Fourier "os *Socialistas mais pensativos e filosóficos em geral*". Neste caso o socialismo é descentralizado, sendo aplicado a unidades menores como aldeias ou distritos municipais, e só sendo estendido ao país inteiro por uma multiplicação de tais unidades auto-suficientes. Assim abandona-se a propriedade privada por meio de uma base experimental. O socialismo, trazido desta maneira só será implementado numa larga escala crescente quando tiver se mostrado bem sucedido em pequena escala.

Mill define socialismo como segue:

*"O que é característico do Socialismo é a propriedade em comum a todos os membros da comunidade, dos instrumentos e meios de produção; que leva com isto a consequência de que a divisão do produto entre o corpo de donos deve ser um ato público, executado de acordo com as regras colocadas pela comunidade. O Socialismo por nenhum meio exclui a propriedade privada de artigos de consumo; o direito exclusivo de cada um sobre a sua parte do produto quando recebido, seja para desfrutar, dar, ou troca-lo.... A característica distintiva do Socialismo não é que todas as coisas são comuns, mas que a produção só pode ser feita como um acordo comum e os instrumentos de produção são mantidos como propriedade comum."*<sup>19</sup>

Ao contrário do socialismo revolucionário que não é prático para administrar toda a produção da nação através de uma organização central, ele não duvida da praticabilidade do socialismo descentralizado de Owen e Fourier. Uma diferença importante para Mill, relativa à administração socialista quando comparada com o sistema de administração capitalista, é que os donos do capital recolherão todo lucro que

<sup>(19)</sup> MILL, *Sobre o Socialismo*. p. 117-8.

provém de uma boa administração e terão um grande incentivo para maximizar a eficiência. Em um sistema socialista centralizado não existe este incentivo. Este é o caso da forma de socialismo que Mill chama de Comunismo no qual todo mundo adquire uma parcela igual dos bens. Sob um sistema comunista aqueles que tiverem maiores habilidades administrativas não serão estimulados ao serviço porque não irão receber nenhuma recompensa por fazer um serviço mais oneroso.

Apesar disso e em relação à preocupação com o bem-estar dos trabalhadores, Mill acredita que o Comunismo pode ser mais eficiente que o sistema existente no qual os trabalhadores contratados recebem salários fixos. Os sindicatos muitas vezes desencorajam seus membros a serem mais eficientes pois isso reduziria o número de trabalhos disponíveis. Eles também se opõem à introdução de maquinário que diminuiria a mão de obra. De outro lado, em um sistema comunista é de interesse geral dos trabalhadores que todo mundo alcance o mais alto nível de eficiência. Porém para Mill esta ineficiência do sistema pode ser remediada trocando-o por um sistema de sociedade industrial na qual todos os operários obtêm uma parte dos lucros, como já foi dito. A vantagem do Comunismo nesta área vai contra apenas o presente sistema de propriedade privada, e não contra melhores arranjos para a remuneração dos trabalhadores os quais podem ser feitos dentro de um sistema de propriedade privada.

Para Mill uma sociedade comunista *“falhará em exibir um quadro atraente de amor mútuo e unidade de vontade e sentimento que freqüentemente os comunistas nos dizem para esperar”*<sup>20</sup>. Há muitas fontes de discórdia, mesmo não se considerando as disputas por igualdade de tratamento. Ainda haverá rivalidade por reputação, por poder e influência pessoais, que serão mais intensas conforme as energias forem desviadas, da área de interesses materiais, para estas áreas. Mill teme também pela liberdade individual, uma vez que as

---

<sup>(20)</sup> Idem, p. 129.

ingerências na vida privada serão muito grandes em uma sociedade comunista.

*“Já em todas as sociedades a pressão exercida pela maioria sobre a individualidade é um grande e crescente mal; provavelmente seria muito maior sob o Comunismo, exceto até o ponto em que poderia estar no poder dos indivíduos se fixar a isto, escolhendo pertencer a uma comunidade de pessoas de pensamento similar aos deles.”<sup>21</sup>*

A outra forma de socialismo que Mill considera é o Fourierismo (falanstério - François-Marie Charles Fourier) no qual são permitidas desigualdades nas recompensas. Mill também acrescenta que o Fourierismo permite a *“posse individual do capital, mas não o dispêndio arbitrário dele”<sup>22</sup>*. Isto parece ir contra suas primeiras caracterizações de todas as formas de socialismo em termos da propriedade comum dos meios de produção. Mas por capital ele quer dizer os ganhos feitos através das remunerações recebidas. Os trabalhadores devem ser divididos em grupos, com cada grupo executando um tipo diferente de trabalho. Os trabalhadores escolhem a qual grupo, ou grupos, querem pertencer. Cada grupo é pago na proporção da sua contribuição de trabalho, capital, e talento. Se há muitos em um grupo e poucos em outro, então a remuneração dos grupos mudará para adquirir um equilíbrio melhor de membros. Este arranjo permite um maior grau de liberdade de escolha do que esquemas socialistas alternativos, e Mill acredita que *“o quadro de uma comunidade Fourierista é ao mesmo tempo atraente por si mesmo e requer menos da humanidade comum que qualquer outro sistema conhecido de Socialismo”<sup>23</sup>*. Ele está preparado para ver isto testado na vida social.

Para Mill é evidente a superioridade eventual de alguma forma de socialismo sobre um sistema de propriedade privada. Mas está convencido que esquemas socialistas são *“no momento apenas*

---

<sup>(21)</sup> Idem, p. 130.

<sup>(22)</sup> Idem, p. 132.

<sup>(23)</sup> Idem, p. 134.

*executáveis pela elite do gênero humano, e ainda têm que provar serem capazes de treinar o gênero humano em larga escala a um estado de melhoria que se pressupõem*"<sup>24</sup>. Dado isso, no momento as pessoas não têm as qualidades morais e intelectuais para fazer com que o socialismo tenha sucesso, e não há uma maneira rápida de inculcar essas qualidades, nós teríamos, portanto, que viver com um sistema de propriedade privada, por um período considerável de tempo. Mas nós não temos que viver com este sistema da forma como ele é agora, com todas suas injustiças. Os poucos que atualmente se beneficiam do sistema deveriam estar preparados para fazer as mudanças que ajudarão a maioria. Esta é uma exigência tanto da justiça quanto da prudência, porque de outra forma haverá tentativas para se mover prematuramente para uma sociedade socialista. Da mesma maneira que Mill é impaciente com os socialistas revolucionários que desejam de forma radical e imediata transformar sociedade, ele também é impaciente com os defensores da ordem social existente que são complacentes em relação à sua virtude mas falseiam as possibilidades da alternativa socialista.<sup>25</sup>

Mill era otimista sobre o futuro para o qual nós deveríamos nos mover de forma não violenta, passo a passo em direção às reformas políticas, sociais e econômicas. Como as classes trabalhadoras participam mais completamente da vida na comunidade, elas se aprimorarão intelectual, material e moralmente, e contribuirão para a melhoria de todo o mundo.

E este futuro não é um no qual riqueza e produção continuarão aumentando eternamente. Aumentar a produção é importante para países subdesenvolvidos, mas nos países mais avançados é necessário garantir sua melhor distribuição, que produzirá uma sociedade caracterizada por

*"... um conjunto de trabalhadores bem remunerados e afluentes e [pela] inexistência de fortunas enormes, a não*

<sup>(24)</sup> Idem, p. 148.

<sup>(25)</sup> cf seu ensaio "Newman's Political Economy", CW V:441-57

*ser as que fossem ganhas e acumuladas durante uma única existência; em contrapartida, [haverá] um conjunto muito maior do que atualmente, de pessoas não apenas livres das ocupações mais duras, mas também dispendo de lazer suficiente, tanto físico quanto mental, para se libertarem de detalhes mecânicos e poderem cultivar livremente os encantos da vida, e para darem exemplos disso às classes menos favorecidas para o cultivo desses valores.”<sup>26</sup>*

Entre “os encantos da vida “ possibilitados por essa nova sociedade está o prazer da solidão. Numa sociedade que não se dedique sempre ao crescimento da produção e na qual não há excesso de população, as pessoas podem ter a solidão para apreciar a “beleza e grandeza natural”, sem que se destrua toda “a atividade espontânea da natureza”.

A prosperidade material não aumentará na sociedade estacionária, mas haverá melhorias em outras áreas – como em nossa vida cultural, moral e social de um modo geral. Mas um alto nível de conforto material será desfrutado por todos, e ninguém estará sujeito mais a uma “vida maçante e de cárcere”: “...se por um lado ninguém é pobre, por outro ninguém deseja ser mais rico do que é, nem tem motivo algum para temer ser jogado para trás pelos esforços que outros fazem para avançar”<sup>27</sup>. Não haverá certamente nenhum industrial pobre, nem qualquer inativo rico. Todos serão “trabalhadores”, ganhando uma renda com base no seu trabalho, e recompensados em proporção à sua indústria. E todos o trabalhadores poderão cultivar as graças de vida.

## BIBLIOGRAFIA

COHEN, Marshall (ed.) *The Philosophy of John Stuart Mill*. New York: The Modern Library, 1961.

<sup>(26)</sup> MILL, *Princípios de Economia Política*. p. 253.

<sup>(27)</sup> Idem, p. 253.

GUISÁN, Esperanza. **Esperando por Mill**. In: PELUSO, Luis Alberto (org.). *Ética & Utilitarismo*. Campinas: Alínea, 1998.

MILL, John Stuart. *On Socialism*. Nova York: Prometheus Books, 1976.

\_\_\_\_\_. *Princípios de Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas).

\_\_\_\_\_. *El Utilitarismo*. Trad. de E. Guisán. Madrid: Alianza, 1984.

SKORUPSKI, John (ed.). *The Cambridge Companion to Mill*. Cambridge University Press, 1998.